

## **Empirismo, Natureza e Educação: Diálogo entre Locke e Rousseau nas bases da pedagogia**

**Empiricism, Nature and Education: Locke and Rousseau in dialogue on the foundations of pedagogy**

**Empirismo, naturaleza y educación: diálogo entre Locke y Rousseau sobre los fundamentos de la pedagogía**

**Gustavo Garcia de Amo<sup>1</sup>**

*Mestrando em Educação no Instituto Federal Catarinense, Camboriú/SC, Brasil*

**Airton Zancanaro<sup>2</sup>**

*Professor do Instituto Federal Catarinense, Camboriú/SC, Brasil*

**Recebido em:** 18/07/2025

**Aceito em:** 10/09/2025

### **Resumo**

O pensamento de John Locke exerceu influência significativa na filosofia moderna e nas concepções educacionais ao defender o empirismo como base do conhecimento, contrapondo-se ao inatismo racionalista. Segundo Locke, a mente humana seria uma "tábula rasa", sendo moldada pelas experiências sensíveis. Este artigo tem como objetivo analisar como os fundamentos do empirismo lockeano, em diálogo com a proposta educativa de Jean-Jacques Rousseau, impactam práticas pedagógicas contemporâneas. A metodologia adotada é a revisão bibliográfica de obras originais e de autores que discutem a influência desses pensadores na educação. Os resultados indicam que ambos valorizam a experiência como eixo da aprendizagem, bem como o desenvolvimento da razão, da moral e da autonomia. Suas concepções pedagógicas contribuem para uma abordagem ativa, centrada no estudante e voltada à formação integral do sujeito. A análise evidencia a atualidade dessas ideias, inclusive em contextos mediados por tecnologias educacionais e Inteligência Artificial, reafirmando o papel da educação na formação crítica e emancipadora.

**Palavras-chave:** John Locke. Educação. Empirismo. Conhecimento.

### **Abstract**

John Locke's thought had a significant impact on modern philosophy and educational theories by defending empiricism as the foundation of knowledge, in contrast to rationalist innatism. According to Locke, the human mind is a "blank slate," shaped by sensory experience. This article aims to analyze how the foundations of Locke's empiricism, in dialogue with Jean-Jacques Rousseau's educational philosophy, impact contemporary pedagogical practices. The adopted methodology adopted is a bibliographic review of their original works and studies discussing their influence on education. The findings indicate that both philosophers value experience as the core of learning, as well as the development of reason, morality, and autonomy. Their pedagogical concepts

<sup>1</sup> [gustavo.garcia.de.amo@gmail.com](mailto:gustavo.garcia.de.amo@gmail.com).

<sup>2</sup> [airton.zancanaro@ifc.edu.br](mailto:airton.zancanaro@ifc.edu.br).

contribute to an active, student-centered approach focused on the integral formation of the individual. The analysis highlights the enduring relevance of these ideas, including in educational contexts mediated by digital technologies and Artificial Intelligence, reaffirming the role of education in fostering critical and emancipatory development.

**Keywords:** John Locke. Education. Empiricism. Knowledge.

## Resumen

El pensamiento de John Locke influyó significativamente en la filosofía moderna y en las concepciones educativas al defender el empirismo como base del conocimiento, en oposición al innatismo racionalista. Para Locke, la mente humana es una “tabla rasa”, moldeada por la experiencia sensorial. Este artículo tiene como objetivo analizar cómo los fundamentos del empirismo lockeano, en diálogo con la propuesta educativa de Jean-Jacques Rousseau, impactan en las prácticas pedagógicas contemporáneas. La metodología adoptada es la revisión bibliográfica de obras originales y estudios que discuten su influencia en la educación. Los resultados indican que ambos filósofos valoran la experiencia como eje del aprendizaje, así como el desarrollo de la razón, la moral y la autonomía. Sus concepciones pedagógicas contribuyen a un enfoque activo, centrado en el estudiante y orientado a la formación integral del sujeto. El análisis destaca la vigencia de estas ideas, incluso en contextos educativos mediados por tecnologías digitales e Inteligencia Artificial, reafirmando el papel de la educación en la formación crítica y emancipadora.

**Palabras clave:** John Locke. Educación. Empirismo. Conocimiento.

## Introdução

John Locke (1632–1704), filósofo inglês, pensador do liberalismo burguês europeu e um dos principais expoentes do empirismo moderno, exerceu influência decisiva em diversas áreas do conhecimento, sobretudo na filosofia, na política, na psicologia e na educação. Sua concepção epistemológica rompe com o inatismo racionalista ao afirmar que todo conhecimento provém da experiência sensível. Em oposição direta às ideias cartesianas, Locke defende que a mente humana nasce como uma tábula rasa, uma folha em branco sobre a qual a experiência imprime todas as ideias e saberes.

Suponho que a mente seja, como dizemos, papel em branco, vazia de todos os caracteres, sem quaisquer ideias. Como é então suprida? De onde tira esse vasto estoque que a imaginativa e ativa razão do homem exibe, com variedade quase infinita? A isto respondo com uma só palavra: da experiência. Nela está todo o nosso saber e dele deriva, em última instância. Nossa observação, empregada sobre os objetos sensíveis externos ou sobre as operações internas da mente, percebidas e refletidas por nós, é o que fornece ao entendimento todos os materiais do pensamento. Esses são os dois fundamentos do conhecimento: a sensação e a reflexão (Locke, 1998, p. 135).

Essa concepção tem desdobramentos significativos no campo da educação. Ao considerar que o entendimento humano se constrói a partir da experiência, Locke propõe uma pedagogia centrada no aluno, na qual o processo educativo deve valorizar vivências concretas, observações e a capacidade

progressiva de reflexão. A formação moral, o desenvolvimento da razão e a autonomia aparecem como objetivos centrais da educação, vista como instrumento para a formação do indivíduo e sua inserção crítica na sociedade.

Jean-Jacques Rousseau (1712–1778), filósofo genebrino, pensador do liberalismo burguês europeu e figura central do Iluminismo, teve impacto profundo nas áreas da filosofia política, da moral e, sobretudo, da educação. Sua concepção de natureza humana rompe com os modelos tradicionais ao defender que o ser humano nasce bom e que é a sociedade que o corrompe. Em sua obra *Emílio, ou Da Educação*, Rousseau propõe uma pedagogia centrada na criança, em que o desenvolvimento deve seguir o ritmo natural do indivíduo, livre de imposições artificiais (Rousseau, 2004, p. 15). Para ele, a educação deve ser um processo de descoberta, respeitando a liberdade e a autonomia como princípios fundamentais da formação. Para ele, a educação deve ser um processo de descoberta, respeitando a liberdade e a autonomia como princípios fundamentais da formação, pois “a natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens” (Rousseau, 2004, p. 61)

Diante desse quadro, a presente pesquisa parte da seguinte questão: de que maneira as concepções de John Locke e Rousseau influenciaram práticas educativas baseadas na experiência e quais seus desdobramentos pedagógicos? A pergunta se mostra relevante frente às demandas contemporâneas por metodologias ativas, contextualizadas e centradas na autonomia discente.

O objetivo geral é compreender como o empirismo lockeano e a pedagogia natural de Rousseau influenciam práticas pedagógicas. Enquanto Locke concebe o conhecimento como resultado da vivência sensível, Rousseau defende uma educação baseada na liberdade e no ritmo natural da criança. Ambos contribuíram para a valorização do sujeito no processo de aprendizagem, propondo uma formação mais integral e crítica — princípios que ainda ecoam nas práticas educacionais atuais, inclusive, em práticas associadas a metodologia ágil onde o sujeito é protagonista de seu próprio aprendizado.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com base em revisão bibliográfica das obras *Ensaio Sobre o Entendimento Humano* (1690) e *Alguns Pensamentos Sobre a Educação* (1693), de John Locke, e *Emílio, ou Da Educação* (1762), de Jean-Jacques Rousseau. Além disso, foram utilizados estudos de pesquisadores como Teruya e Da Luz (2020), Jorge Filho (1992), Rodríguez (2021) e outros que exploram a interface entre empirismo, filosofia e educação, com destaque para as contribuições de Locke e Rousseau na formação de concepções pedagógicas centradas na experiência e no desenvolvimento do sujeito.

Entre os resultados esperados, destaca-se a demonstração de que a filosofia de Locke oferece

fundamentos sólidos para práticas pedagógicas centradas na experiência, na autonomia e na razão crítica. Sua proposta se contrapõe a modelos conteudistas ainda dominantes, contribuindo para uma educação voltada à formação integral e reflexiva do sujeito. Ao lado disso, Rousseau agrega à discussão uma visão de educação que valoriza o desenvolvimento natural da criança, respeitando seu tempo, suas necessidades e sua liberdade como elementos centrais do processo formativo.

O artigo abordará o contexto histórico da Inglaterra do século XVII, destacando os fatores que influenciaram a obra de Locke. Na sequência, serão analisados os fundamentos de sua teoria do conhecimento e sua aplicação à pedagogia, finalizando com uma discussão sobre sua influência na educação moderna e no pensamento de autores como Rousseau.

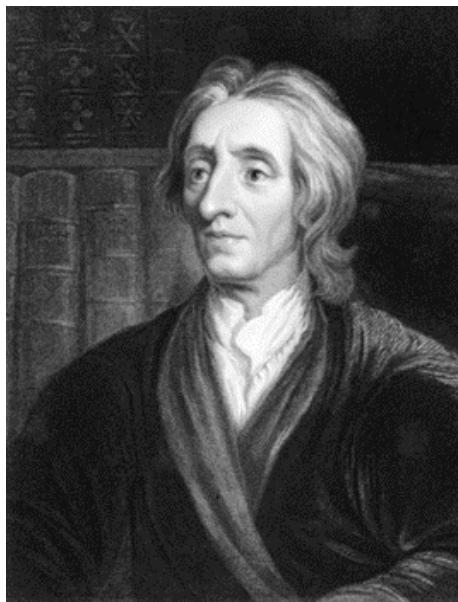
### **Locke e o Contexto Social**

A compreensão da filosofia de John Locke exige uma análise atenta do contexto histórico, político e social em que suas ideias foram formuladas. Nascido em 1632, em Wrington, Somerset, Inglaterra, Locke viveu em um período de intensas transformações, marcado por conflitos como a Guerra Civil Inglesa, a Revolução Puritana e, posteriormente, a Revolução Gloriosa de 1688. Essas convulsões históricas foram decisivas para o amadurecimento de sua crítica ao absolutismo monárquico e para a formulação de princípios que viriam a fundamentar o liberalismo político moderno.

Como destaca Rodríguez (2021, p. 45), “a filosofia política de Locke não pode ser dissociada das intensas transformações políticas e sociais do século XVII inglês. Sua defesa da liberdade, da propriedade e da limitação do poder soberano está diretamente ligada às experiências da Guerra Civil, da Revolução Puritana e da Revolução Gloriosa”. Na Figura 1, para conhecer e dar rosto a um dos nomes mais citados na pesquisa está o filósofo John Locke, considerado o “pai do liberalismo” e um dos principais representantes do empirismo.

**Figura 1**

John Locke



Fonte: <https://abrir.link/Jlqdl>.

Locke pertenceu à elite intelectual inglesa, tendo estudado na Universidade de Oxford, onde se dedicou à filosofia, às ciências naturais e à medicina. Seu engajamento nas discussões científicas de sua época o aproximou de nomes importantes como Robert Boyle, com quem compartilhou interesses pela experimentação e pela filosofia natural. Ao mesmo tempo, sua atuação junto a figuras da aristocracia, como o conde de Shaftesbury - Anthony Ashley-Cooper, inseriu-o em debates políticos de relevância, nos quais pôde defender ideias de liberdade civil, tolerância religiosa e limitação do poder estatal. “[...] Locke era um sujeito ativo na academia científica e ativista político da época, tendo como foco de seus estudos conceitos e práticas voltadas à burguesia [...]” (Frazão, 2025, p. 78).

Além desse contexto, a interpretação da obra de Locke foi amplamente consolidada por comentadores como Peter Laslett, responsável pela edição crítica dos Dois Tratados sobre o Governo. Segundo Laslett (1988, pg. 67), “É argumentado que Locke não deve ser compreendido apenas como um teórico abstrato, mas como um pensador inserido em debates políticos concretos, relacionados à defesa da tolerância e da propriedade”. Conforme Nazar (2017, p. 229), ressalta que a filosofia política lockeana não pode ser reduzida a uma visão liberalismo disciplinar, pois envolve também fundamentos morais e religiosos. Portanto, o vínculo entre o pensamento político de Locke e sua proposta pedagógica, é voltada à formação de cidadãos livres e racionais em comunidade.

Esse cenário de transição entre o absolutismo e a afirmação dos direitos individuais contribuiu

de maneira direta para a construção da visão lockeana sobre a sociedade, o governo e a educação. Ao defender a propriedade privada como extensão da liberdade individual e ao compreender o ser humano como resultado de sua formação social e educacional, Locke estabelece “[...] uma ponte entre a política e a pedagogia. A educação, em sua filosofia, surge como ferramenta fundamental para a construção de cidadãos capazes de exercer a liberdade com responsabilidade, sustentados pela razão e pela moral [...]” (Locke, 1693; Rodríguez, 2021, p. 40).

Portanto, a inserção de Locke no contexto sociopolítico do século XVII não apenas influenciou o conteúdo de suas obras, como também determinou o foco prático de sua filosofia: transformar a sociedade por meio da formação de indivíduos autônomos, críticos e conscientes. Ao articular empirismo, política liberal e pedagogia, Locke inaugura uma proposta educativa compatível com os ideais modernos de progresso, ciência e liberdade individual.

### **Abrangência dos Estudos de Locke**

A contribuição de John Locke ultrapassa os limites da filosofia, estendendo-se a diversos campos do saber como a política, a medicina, a teologia e, especialmente, a educação. Formado em Filosofia, Medicina e Ciências Naturais pela Universidade de Oxford, Locke construiu um pensamento interdisciplinar que articula elementos empíricos, racionais e práticos, revelando um autor profundamente comprometido com a busca pelo conhecimento útil à vida em sociedade. “[...] Locke era um sujeito ativo na academia científica e ativista político da época, tendo como foco em seus estudos conceitos e práticas voltadas à burguesia[...]” (Rodríguez, 2021, p. 3).

No campo político, Locke destacou-se como um dos principais formuladores do pensamento liberal moderno. Em sua obra *Dois Tratados sobre o Governo* (1690), argumenta contra o absolutismo e a favor de um governo baseado no contrato social, no qual o poder emana do consentimento dos governados. Segundo o autor, “os homens, ao formarem sociedades políticas, transferem ao governo apenas os poderes necessários para a proteção de seus direitos naturais: à vida, à liberdade e à propriedade” (Locke, 1998, p. 139). Suas ideias tiveram influência direta na constituição de democracias liberais e na formulação de documentos históricos como a Declaração de Independência dos Estados Unidos.

Sua atuação também se estendeu ao campo religioso, onde defendeu a tolerância como princípio fundamental da convivência civil. Em *Carta sobre a Tolerância* (1689), Locke argumenta que a

religião deve permanecer no domínio privado e não ser imposta pelo Estado, antecipando debates modernos sobre laicidade e liberdade de crença. Segundo o autor, “nenhuma sociedade pode ser mantida unida a não ser pelo vínculo da tolerância” (Locke, 2000, p. 35). Nesse sentido, separa as esferas da fé e do governo, defendendo que a autoridade civil deve limitar-se à preservação da ordem e da paz, sem interferir nas consciências individuais.

Na medicina, sua formação e prática se refletiram no interesse pela observação empírica e na atenção às causas naturais dos fenômenos humanos. Foi colaborador de Robert Boyle e membro ativo da Royal Society, o que evidencia seu comprometimento com os ideais da ciência experimental e com a valorização da experiência como critério de validação do conhecimento. Como destaca Frazão (2025, p. 102), “[...] a trajetória científica de Locke revela a centralidade da observação empírica na construção do saber, alinhando-o aos princípios do método experimental defendido pelos círculos científicos da Royal Society[...]”.

No campo educacional, Locke propôs uma concepção inovadora para sua época. Em *Alguns pensamentos sobre a educação* (1693), defende que o processo formativo deve partir da experiência sensível, respeitando o ritmo e as particularidades de cada criança. “Sua maior preocupação a respeito da educação é ensinar ao aluno os conteúdos para além da escola, ou seja, os conhecimentos para sua vida” (Teruya; Da Luz, 2020, p. 131). Para o autor, a mente infantil é moldável, e cabe à educação orientar esse desenvolvimento de modo racional, moral e gradual. A virtude, a razão e o autocontrole são elementos centrais de sua proposta pedagógica, cujo objetivo principal é formar indivíduos capazes de agir com autonomia e discernimento. Para Locke, as crianças aprendem melhor quando são utilizados recursos visuais, uma vez que os alunos assimilam melhor as coisas que veem em relação às coisas que ouvem (Teruya; Da Luz, 2020, p 100).

Além disso, o autor propõe que a educação deva ser integral, abrangendo não apenas o aspecto intelectual, mas também o físico, o moral e o social. O ideal do “jovem cavalheiro”, preparado para liderar, negociar e conviver, reflete uma pedagogia voltada para a formação do caráter e da competência social.

A abrangência dos estudos de Locke demonstra seu compromisso com a razão e a liberdade como fundamentos da vida humana. Em todas as áreas que abordou — da epistemologia à pedagogia —, nota-se a defesa de um saber ancorado na experiência e voltado à emancipação do indivíduo. Essa perspectiva torna sua obra profundamente atual, sobretudo no que diz respeito à valorização da educação como meio de transformação social e desenvolvimento moral. Como afirmam Teruya e Da Luz

(2020, p. 87), “o empirismo de Lock oferece uma base racional e experiencial para a formação do sujeito autônomo, articulando conhecimento, moral e liberdade como pilares da educação moderna”.

## **Empirismo**

A abordagem empirista de John Locke marcou uma ruptura significativa com as concepções racionalistas predominantes na filosofia moderna, especialmente aquelas ligadas ao inatismo cartesiano. Para Locke, todo conhecimento tem origem na experiência sensível, que se dá por meio dos sentidos e das operações da mente. Sua proposta epistemológica, ao afirmar que a mente humana nasce como uma “tábula rasa”, contrapunha-se à noção de ideias inatas, sustentando que todas as ideias se originam da interação com o mundo. “A mente é, como costumamos dizer, um papel branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer ideias. Como é que ela vem a ser suprida? [...] pela experiência” (Locke, 1988, p. 135).

Locke distingue dois caminhos pelos quais a experiência gera conhecimento: a sensação e a reflexão. A sensação refere-se às percepções oriundas do contato com os objetos externos, como cores, sons, temperaturas e texturas. Já a reflexão é a observação das operações internas da mente, como pensar, duvidar, crer, desejar e raciocinar. Ambas constituem as fontes de todas as ideias que formam o entendimento humano, sendo, portanto, fundamentais para a construção do saber. Conforme Ayers (1991, p. 42), “[...] Locke inaugura uma concepção naturalista da mente, concebendo-a como resultado direto da experiência, em oposição à tradição racionalista cartesiana”. De forma semelhante, Yolton (1956, p. 78), destaca que “[...] a originalidade de Locke não está apenas na rejeição das ideias inatas, mas em sua tentativa de desenvolver uma teoria sistemática da experiência como fundamento do conhecimento humano”.

Ao adotar essa perspectiva, Locke posiciona-se dentro de uma tradição empirista que valoriza a observação como base da ciência e da filosofia. Essa tradição, que remonta a pensadores medievais como Roger Bacon e Guilherme de Ockham, consolidou-se na Inglaterra antes mesmo da Revolução Francesa, destacando a relevância histórica e cultural do empirismo no contexto europeu. Conforme Hobsbawm (2017, p. 20), “[...]foi a Inglaterra que se tornou pioneira no processo de transformação econômica, social e intelectual que mais tarde varreria a Europa com a Revolução Francesa[...]”.

O empirismo lockeano também influenciou debates posteriores sobre a ciência e a filosofia da linguagem. Pensadores como Van Fraassen e Nagel aprofundaram a discussão em torno da objetividade

da observação, da intersubjetividade dos dados e da confiabilidade dos modelos científicos, reafirmando a centralidade da experiência na produção do conhecimento. “O empirismo é a posição segundo a qual a experiência é a única fonte de garantia para afirmações acerca do mundo” (Nagel, 2000, p. 235).

A contribuição de Locke vai além da epistemologia, pois oferece fundamentos para a compreensão do processo de aprendizagem como um fenômeno experiencial. Ao considerar que a mente é moldada pelas vivências e que o conhecimento deriva da experiência, o autor abre caminho para uma pedagogia centrada na experimentação, na observação e no desenvolvimento progressivo da razão. Assim, o empirismo não apenas contesta o racionalismo metafísico, mas também propõe uma nova forma de pensar a relação entre sujeito e mundo, entre conhecimento e realidade. No campo educacional, essa concepção repercute diretamente nas práticas pedagógicas que valorizam a vivência sensível, a autonomia e a reflexão crítica como elementos centrais da formação humana.

### **Educação e Seus Impactos Históricos**

As práticas educacionais propostas por Locke visavam à formação integral do indivíduo, especialmente no contexto da sociedade burguesa emergente. A educação, nesse sentido, não se restringia à instrução formal, mas buscava moldar o caráter e preparar os jovens para exercer funções de liderança, negociação e convivência social. O ideal do "jovem cavalheiro" era emblemático dessa concepção: um sujeito instruído, virtuoso e capaz de se destacar nos ambientes políticos, econômicos e culturais. “Locke também propõe que a educação do jovem cavalheiro deve ser complementada com instruções de baile, de música, de esgrima, de equitação, com a aprendizagem de um ofício e coroada com viagens ao exterior” (Teruya; Da Luz, 2020).

O modelo educativo lockeano se desenvolvia por meio de uma formação moral sólida e de um acompanhamento individualizado, muitas vezes realizado por preceptores contratados pelas famílias. Esse formato valorizava não apenas os conhecimentos intelectuais, mas também habilidades sociais, como dança, música, esgrima e domínio de línguas estrangeiras. A educação era concebida como um processo contínuo que deveria começar na infância e se estender por toda a vida, tendo como base a experiência prática e os valores morais. “A virtude somente, a única coisa difícil e essencial na educação [...] a primeira e a mais necessária das qualidades que correspondem a um homem ou a um cavalheiro” (Locke, 1986, p. 102).

No centro da proposta pedagógica de Locke estava o desenvolvimento do autocontrole, da virtude e da razão. Para ele, a educação deveria formar não apenas cidadãos instruídos, mas também indivíduos éticos, capazes de controlar seus desejos e agir de forma responsável. A disciplina moral era considerada mais importante do que o domínio de conteúdos escolares específicos, e a aprendizagem deveria estar voltada para a vida prática, e não apenas para a sala de aula.

Locke também defendia uma educação lúdica, especialmente na infância. Reconhecia o valor dos recursos visuais e da aprendizagem ativa como formas mais eficazes de assimilação, antecipando ideias que hoje são associadas às metodologias ativas e ao ensino por competências. Sua concepção incluía aspectos físicos, intelectuais e emocionais, considerando a educação como um processo de desenvolvimento integral.

Ao propor que a criança fosse sensibilizada desde cedo para distinguir entre o que é moralmente correto e os costumes sociais corruptos, Locke valorizava a ascensão gradual da razão como guia da vontade. “A educação lockiana tem como propósito, não a adaptação a estes [costumes sociais], mas a libertação de sua influência corruptora [...] possibilitar a ascensão gradual da razão ao governo do entendimento e da vontade” (Jorge Filho, 1992, p. 278). Essa abordagem destacava a virtude como a qualidade essencial da formação humana e a reputação como um critério educativo que deveria estar em sintonia com a lei natural – sustentada a partir de posições da moral cristã através da bíblia e da “Revelação”-, e não com convenções sociais passageiras. Portanto, através da religião, Locke estabelece suas concepções pedagógicas de acordo com os limites religiosos

Apesar das críticas de alguns autores, como Gilles, que apontavam o distanciamento da escola de práticas pedagógicas renovadoras, o legado de Locke é notável pela introdução de uma pedagogia fundamentada na compreensão do comportamento humano e no respeito ao desenvolvimento individual. “A crítica de Locke se levanta contra o classicismo decadente que perdera toda a relevância social, e contra o sistema escolar que se recusava a pôr em prática novos métodos pedagógicos” (Gilles, 1987, p. 173).

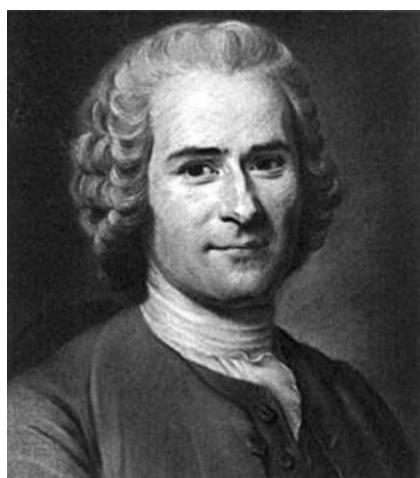
Desse modo, a proposta educativa de Locke coloca-se como uma alternativa à educação tradicional e conteudista, oferecendo uma base teórica consistente para a valorização da experiência, da liberdade e do desenvolvimento moral como pilares do processo formativo.

### **A pedagogia natural de Rousseau: liberdade e formação do indivíduo**

Jean Jacques Rousseau – filósofo apresentado na figura 2 - parte de um princípio que o ser humano nasce bom, sendo a sociedade responsável por corrompê-lo e transformá-lo assim um ser ruim. Suas ideias filosóficas conflitam com as ideias rationalistas da época em relação as estruturas sociais. Assim, “tudo é bem ao sair das mãos do autor das coisas; tudo degenera nas mãos dos homens” (Rousseau, 2004, p. 15). Essa crítica sustenta sua proposta educativa, na qual a pedagogia deve respeitar o ritmo e a liberdade do indivíduo desde a infância, promovendo um desenvolvimento que valorize a experiência direta e o contato com a natureza como elementos centrais da aprendizagem.

**Figura 2**

Jean Jacques Rousseau



Fonte: <https://cdn.kobo.com/book-images/42dab506-b0ea-424b-8953-490ce5cc6aa0/1200/1200/False/jean-rousseau-john-locke-and-immanuel-kant-on-education-illustrated.jpg>.

A partir disso, a proposta da obra *Emílio, ou Da Educação* (1762), de Rousseau, apresenta a formação de um menino educado longe da artificialidade da sociedade. A infância é narrada como uma etapa autônoma, com suas próprias necessidades, interesses e tempo, sem interferências prematuras e demais responsabilidades. “A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens” (Rousseau, 2004, p. 61). A infância, nesse sentido, não é uma preparação para a vida adulta, mas uma etapa essencial da existência humana. Nesta reflexão, ao observar a formação proposta pela educação regular, a preparação do aluno não está associada a cumprir objetivos e o tempo do aluno, mas sim definição de prazos e saberes dentro do ano letivo. Como se o tempo necessário para a aprendizagem pudesse ser considerado um padrão universal.

Segundo Derathé (1948, p. 18), o *Emílio* deve ser entendido como a síntese entre filosofia

política e pedagogia, na qual a educação surge como uma via de regeneração da sociedade corrompida. A obra, portanto, não se limita a discutir métodos educativos, mas propõe uma concepção ampla de formação do indivíduo em conexão com o bem-estar social. Conforme Bertram (2010, p. 20) ressalta que a noção de liberdade em Rousseau está intrinsecamente vinculada à ideia de autogoverno racional. A educação ocupa posição central no processo de formação do cidadão, funcionando como instrumento de desenvolvimento da autonomia e da capacidade de julgamento crítico.

Segundo a teoria pedagógica de Jean-Jacques Rousseau, o papel do educador não é transmitir conhecimento ou modelar comportamentos, mas sim mediar, com atenção e sensibilidade, o desenvolvimento da aprendizagem. Em vez de ensinar diretamente, o preceptor da *Emílio* cria condições para que o aluno aprenda por conta própria, respeitando seu tempo, interesses e necessidades. Segundo essa concepção, o educador atua de forma metódica e indireta, evitando interferências artificiais que possam comprometer a autonomia da criança. Essa relação se estabelece por meio de uma relação pedagógica baseada na confiança, no respeito e na liberdade, e não em uma imposição estatal. Como destaca Rousseau (2004, p. 61), “a natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens”, tal consideração apresenta que deva existir um desenvolvimento harmonizado e no ritmo natural do aluno.

Rousseau afirma que o objetivo formativo deve ser cultivado desde a infância. A ideia de liberdade é, então, apresentada: o indivíduo deve ser preparado para ser livre, com respeito à sua autonomia e em um ambiente que favoreça escolhas conscientes. Na aprendizagem, o sujeito livre torna-se realmente o seu protagonismo e não um mero receptáculo de saberes. “A liberdade não consiste em fazer o que se quer, mas em poder escolher de maneira consciente e racional aquilo que se quer fazer” (ROUSSEAU, 2004, p. 98).

A educação, em Rousseau, é concebida como um processo de descoberta, e não de imposição. Aprender significa entrar em contato direto com a realidade, com os objetos e com as experiências vividas, para construir significados próprios. O conhecimento deve emergir das necessidades reais da criança e ser provocado por situações concretas, e não imposto por currículos rígidos ou por autoridades externas.

### **Educação: Locke e Rousseau**

O posicionamento de John Locke exerceu influência significativa sobre o desenvolvimento de

teorias educacionais modernas, abrindo espaço para propostas centradas na criança e na experiência. Entre os pensadores que ampliaram essa abordagem destaca-se Jean-Jacques Rousseau, cuja filosofia educacional, embora crítica em relação a Locke, compartilha preocupações com o papel da infância e da formação moral (Araújo; Paiva, 2024).

Locke defendia uma educação que moldasse a virtude e a racionalidade desde os primeiros anos de vida. Sua proposta valorizava o ensino moral, o autocontrole e a experiência sensível como fundamentos para o desenvolvimento do indivíduo (Locke, 1986). A infância era compreendida como o momento propício para formar o caráter e preparar o sujeito para suas responsabilidades sociais futuras. Como afirma Jorge Filho (1992), o projeto lockeano de educação visava formar sujeitos capazes de agir moralmente em sociedade, sendo a razão um instrumento de aperfeiçoamento da conduta.

Rousseau, por sua vez, elaborou uma teoria educacional que radicalizava a importância da natureza e da liberdade no processo de aprendizagem. Para ele, a criança deveria ser o ponto de partida e o objetivo final da educação. Em oposição ao modelo formal e normativo vigente, Rousseau propunha um ensino baseado no respeito às particularidades do desenvolvimento infantil, guiado pela curiosidade e pelo desejo de aprender (Araújo; Paiva, 2024).

Enquanto Locke via a educação como meio para formar cidadãos virtuosos e racionais, adaptados à sociedade, Rousseau acreditava em um processo mais individualizado, no qual o educando deveria crescer em harmonia com sua natureza, livre das corrupções sociais. A educação, nesse sentido, deveria permitir o florescimento das potencialidades humanas por meio do contato direto com o mundo e da vivência concreta das experiências (Arendt, 2021).

Mesmo partindo de pressupostos distintos, ambos os filósofos reconheciam o valor da infância como etapa decisiva na formação do ser humano. Para Locke, o desenvolvimento racional e moral era prioridade; para Rousseau, a liberdade e a espontaneidade deveriam orientar a ação educativa. Ainda assim, os dois contribuíram decisivamente para deslocar o foco da educação do conteúdo para o sujeito, valorizando o papel ativo do aluno no processo de aprendizagem (Lago, 2011). Podemos visualizar uma comparação de ambos autores, juntamente com suas convergências e divergências de ideias.

Essas interpretações de comentadores clássicos e contemporâneos reforçam que Locke e Rousseau não devem ser lidos apenas a partir de seus textos originais, mas também à luz de tradições interpretativas que evidenciam a profundidade de suas propostas. A pedagogia lockeana, como indicam Laslett (1988) e Nazar (2017), conecta-se diretamente aos fundamentos morais e políticos do liberalismo moderno. Já a pedagogia de Rousseau, conforme discutem Derathé (1948) e Bertram (2010),

articula a noção de liberdade e de formação integral em uma perspectiva que ultrapassa a dimensão individual, projetando-se na construção de uma sociedade mais justa.

Rousseau também critica o excesso de formalismos escolares e defende que o verdadeiro interesse da criança deve ser o motor da aprendizagem. A motivação interna, segundo ele, é mais eficaz do que métodos artificiais ou impositivos. Essa crítica se articula, ainda que implicitamente, com o empirismo de Locke, ao reconhecer que o conhecimento não pode ser imposto, mas construído a partir da experiência concreta (Locke, 1986).

A partir dessas perspectivas, é possível compreender que, embora divergentes em alguns aspectos, Locke e Rousseau se complementam ao fornecer fundamentos para uma educação que respeite os tempos, as capacidades e os interesses da criança. Suas propostas ainda ecoam nas discussões contemporâneas sobre metodologias ativas, aprendizagem significativa e desenvolvimento integral (Araújo; Paiva, 2024).

Assim, o legado de ambos os autores permanece atual ao oferecer bases teóricas para uma pedagogia comprometida com a autonomia, a liberdade e a formação crítica do indivíduo em uma sociedade em constante transformação.

### **Considerações finais**

O pensamento de John Locke representa um marco na história da filosofia e da educação. Sua concepção empirista rompeu com a tradição inatista do racionalismo cartesiano ao defender que todo conhecimento humano é adquirido a partir da experiência sensível. Essa visão não apenas reformulou os fundamentos da teoria do conhecimento, como também repercutiu de forma significativa nas concepções pedagógicas modernas. A ideia de que a mente é uma “tábula rasa” sobre a qual o mundo imprime suas marcas transformou o entendimento sobre o processo de aprendizagem e abriu caminho para práticas educativas centradas no aluno, na observação e na experimentação.

O pensamento de Jean-Jacques Rousseau introduziu uma reviravolta nas concepções pedagógicas ao afirmar que a educação deve seguir o curso natural do desenvolvimento humano. Sua proposta de uma pedagogia centrada na criança, na liberdade e na autonomia contrapôs-se às práticas autoritárias e conteudistas de sua época, inaugurando uma visão em que o educando é sujeito do processo formativo. Ao valorizar a experiência direta com o mundo, a observação e a descoberta como vias privilegiadas para a aprendizagem, Rousseau reforça o papel do educador como mediador, e não

como transmissor de verdades prontas.

Ao propor que o conhecimento se origina por meio da sensação e da reflexão, Locke fornece um modelo explicativo para a formação das ideias. A sensação diz respeito às percepções que vêm dos sentidos — como cores, sons e texturas — enquanto a reflexão trata das operações internas da mente, como pensar, crer, desejar e raciocinar. Essas duas fontes formam a base da experiência, que, segundo Locke, é o único caminho para o entendimento humano. Essa concepção inaugura uma perspectiva na qual o sujeito não nasce com ideias prontas, mas constrói seu saber a partir da interação com o mundo. Tal visão rompe com as doutrinas metafísicas predominantes de sua época, ao mesmo tempo em que antecipa os princípios da ciência experimental moderna.

No campo da educação, essas ideias se desdobram em uma proposta pedagógica que valoriza o desenvolvimento da razão, da moral e da autonomia. A educação, para Locke, é o meio pelo qual se formam indivíduos capazes de agir com discernimento, ética e responsabilidade. Seu foco na formação de um “jovem cavalheiro”, preparado para enfrentar os desafios sociais e políticos do mundo burguês em ascensão, reflete uma preocupação com a formação integral do sujeito — não apenas intelectual, mas também física, emocional e social.

Rousseau, por sua vez, radicaliza essa concepção ao afirmar que o desenvolvimento deve ocorrer em harmonia com a natureza e o ritmo interno da criança. Em sua visão, a educação não deve moldar o indivíduo segundo padrões sociais impostos, mas sim permitir que ele descubra o mundo por si mesmo, em liberdade. A autonomia, para Rousseau, não é apenas um objetivo formativo, mas uma condição indispensável para que o ser humano possa exercer plenamente sua humanidade. Ao defender uma pedagogia baseada na descoberta, no respeito à infância e na construção da moral por meio da experiência direta, Rousseau amplia a proposta lockeana e coloca a criança no centro do processo educativo, não como objeto da educação, mas como sujeito ativo de sua própria formação.

A ênfase no autocontrole, na virtude e na disciplina moral mostra que, para Locke, a educação vai além da simples transmissão de conteúdo. Trata-se de preparar o indivíduo para a vida em sociedade, promovendo a internalização de valores éticos e a capacidade de tomar decisões fundamentadas na razão. A formação do caráter, portanto, é vista como elemento essencial na constituição do sujeito moral e cidadão. Nesse contexto, o professor tem um papel orientador, ajudando o aluno a desenvolver sua capacidade de julgamento, moral e autonomia intelectual.

A influência de Locke pode ser percebida também em práticas pedagógicas contemporâneas, especialmente nas metodologias ativas de ensino, que buscam envolver o aluno como protagonista do

processo de aprendizagem. Ao valorizar a experiência direta, o uso de recursos visuais e a aprendizagem pelo fazer, Locke antecipa abordagens que hoje são vistas como inovadoras, mas que têm raízes em sua filosofia. A educação, segundo ele, deve ser adaptada às necessidades e ritmos de cada criança, respeitando sua individualidade e promovendo um aprendizado significativo e duradouro.

A comparação com Rousseau, também abordada neste trabalho, amplia a reflexão sobre os caminhos possíveis da educação moderna. Embora os dois autores possuam visões distintas — Locke voltado para a razão e a virtude, e Rousseau para a natureza e a liberdade —, ambos reconhecem a centralidade da infância e a importância de práticas que considerem o desenvolvimento do sujeito. Rousseau critica os modelos tradicionais de ensino e propõe uma educação mais livre, menos normativa e mais conectada aos desejos e necessidades da criança. Ainda assim, compartilha com Locke a defesa da experiência como fundamento do saber e o reconhecimento da educação como ferramenta de transformação humana e social.

**Tabela 1**  
Convergências e divergências de Locke e Rousseau

Categoría	John Locke	Jean-Jacques Rousseau
Concepção de Conhecimento	“A isto respondo com uma só palavra: da experiência. Nela está todo o nosso saber e dele deriva, em última instância” (Locke, 1986, p. 135).	“Rousseau propõe que o conhecimento se construa em harmonia com o desenvolvimento natural da criança, longe das corrupções sociais” (Araújo; Paiva, 2024).
Infância	“A infância deve ser vista como etapa formativa da razão e da moral; o momento de moldar o caráter por meio da disciplina e da experiência” (Jorge Filho, 1992, p. 88).	“A infância é a fase mais pura e deve ser protegida; a educação deve respeitar seus ritmos e promover a liberdade” (Araújo; Paiva, 2024).
Método Educativo	“A educação deve formar hábitos de virtude desde cedo, moldando a conduta pela experiência e pelo autocontrole” (Teruya; Da Luz, 2020, p. 5).	“O método educativo proposto por Rousseau é negativo, ou seja, não deve impor saberes, mas criar condições para o aprender” (Araújo; Paiva, 2024).
Finalidade da Educação	“Locke via a educação como um processo para formar cidadãos úteis, disciplinados e morais” (Lago, 2011).	“A educação deve permitir o florescimento do homem natural, livre das imposições sociais e morais artificiais” (Araújo; Paiva, 2024).
Relação com o Aluno	“A criança deve ser guiada com firmeza e razão, mas com	“O aluno deve ser o centro do processo educativo, conduzido por seus interesses

	respeito à sua capacidade progressiva de julgamento” (Locke, 1986, p. 142).	e curiosidades” (Araújo; Paiva, 2024).
Crítica ao Formalismo	“Locke não é contra a estrutura, mas defende que o ensino deve ser útil e prático, baseado em experiências reais” (Teruya; Da Luz, 2020, p. 6).	“Rousseau critica o ensino formal por sufocar a natureza da criança e impor conteúdos alheios ao seu interesse” (Araújo; Paiva, 2024).
Contribuição à Educação Moderna	“Locke antecipou os princípios da pedagogia moderna ao valorizar a experiência, a autonomia e o pensamento reflexivo” (Lago, 2011).	“Rousseau consolidou uma visão educacional centrada no aluno, influenciando práticas de aprendizagem ativa até os dias de hoje” (Araújo; Paiva, 2024).
Ponto de Convergência	“Ambos reconhecem o papel da infância como base da formação humana e a necessidade de respeitar seus estágios naturais” (Araújo; Paiva, 2024).	“Apesar das diferenças, Locke e Rousseau convergem ao colocar a criança no centro da experiência educativa” (Araújo; Paiva, 2024).

Fonte: Elaborado pelo autor adaptado em Locke (1986), Jorge Filho (1992), Teruya e Da Luz (2020), Lago (2011) e Araújo e Paiva (2024).

Dessa forma, pode-se afirmar que as ideias de Locke e Rousseau, ainda que formuladas em contextos distintos e a partir de premissas diferentes, se complementam ao propor uma educação humanista, que considera o aluno em sua totalidade. A educação é vista por ambos como um meio de libertação, desenvolvimento e emancipação, e não como simples reprodução de conhecimentos ou normas sociais.

O estudo realizado permite concluir que o legado de Locke permanece relevante até os dias atuais. Sua filosofia oferece subsídios teóricos sólidos para a construção de práticas pedagógicas mais reflexivas, centradas na razão, na experiência e na formação integral do indivíduo. Em tempos de rápidas transformações sociais, econômicas e tecnológicas, recuperar essas bases pode contribuir para repensar o papel da escola, do professor e do processo de ensino-aprendizagem como um todo.

Ao destacar a importância da experiência como eixo estruturante do conhecimento e da formação humana, Locke inspira educadores a promoverem uma pedagogia voltada para o pensamento crítico, o desenvolvimento moral e a construção ativa do saber. Seu pensamento permanece como referência para uma educação que busca formar sujeitos autônomos, éticos e comprometidos com a

construção de uma sociedade mais justa, racional e democrática.

## Referências

ANDERY, Maria Amália Pie Abib et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1996.

ARAÚJO, Sarah da Silva; PAIVA, Wilson Alves de. **Locke e Rousseau: aproximações e divergências quanto ao desenvolvimento da razão**. Revista Plurais - Virtual, Anápolis, v. 14, e2024021, 2024. e-ISSN 2238-3751.

ARENDT, Hannah. **O Empirismo de Locke, Berkeley e Hume**. São Paulo: Livros & Cia, 2021.

AYERS, Michael. **Locke: Epistemology and Ontology**. London: Routledge, 1991.

BERTRAM, Christopher. **Rousseau and The Social Contract**. London: Routledge, 2010.

DERATHÉ, Robert. **Jean-Jacques Rousseau et la science politique de son temps**. Paris: Vrin, 1948.

FRAZÃO, Dilva. **John Locke – Filósofo inglês**. Ebiografia. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/john\\_locke/](https://www.ebiografia.com/john_locke/). Acesso em: 9 abr. 2025.

GILLES, Jean-Yves. **A educação burguesa: fundamentos filosóficos e ideológicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

HOBSBAWM, Eric Hobsbawm. **A era das revoluções: 1789-1848**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

JORGE FILHO, Edgar José. **Moral e história em John Locke**. São Paulo: Loyola, 1992.

LAGO, Clenio. **A atualidade da educação na perspectiva de John Locke**. EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, ano 16, n. 156, maio 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 11 abr. 2025

LASLETT, Peter. **“Introdução”**. In: **LOCKE, John. Dois tratados sobre o governo**. (Tradução de Julio Fischer; introdução de Peter Laslett). São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 1-183.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. (Tradução de Julio Fischer; “Prefácio” e “Introdução” de Peter LASLETT). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOCKE, John. **Ensayo sobre el entendimiento humano**. 1ª edição em espanhol. (Tradução de Edmundo O’Gorman). México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

LOCKE, John. **Ensayo sobre el gobierno civil**. (Tradução de Amando Lázaro Ros; introdução de Luis

Gustavo Garcia de Amo; Airton Zancanaro

Rodríguez Aranda). Madrid: Aguilar, 1969.

NAGEL, Jennifer. **The Empiricist Conception of Experience**. Philosophy, s.l., v. 75, n. 3, p. 345-376, 2000

NAZAR, Hina. **Locke, education, and disciplinary liberalism**. The Review of Politics, v. 79, n. 2, p. 227-247, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0034670516001041>

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. **John Locke (1632-1704): anotações acerca da sua vida e obra**. Coordenador do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa”, da UFJF. Disponível em: [http://institutodehumanidades.com.br/arquivos/john\\_locke\\_vida\\_obra.pdf](http://institutodehumanidades.com.br/arquivos/john_locke_vida_obra.pdf). Acesso em: 9 abr. 2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou Da Educação**. Tradução de Márcia de Sá. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS DO IFC. **Guia para elaboração de produções acadêmicas**. 3.ed. Blumenau: Instituto Federal Catarinense, 2021. No prelo.

TERUYA, Teresa Kazuko; DA LUZ, Márcia Gomes Eleutério. **Pensamento de John Locke sobre Educação**. Educere et Educare, p. 10.17648/educare. v15i34. 23064-10.17648/educare. v15i34. 23064, 2020.

YOLTON, John. **John Locke and the Way of Ideas**. Oxford: Oxford University Press, 1956.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Adriano Koth.